

UM LIVRO

Reformado desde 30 ou 31 (seus colegas são quase todos generais), o capitão Pedro Rocha nunca perdeu seu jeito meio agauchado de oficial de cavalaria.

Como quase todos os revolucionários de 22 e 24, ele teve uma vida agitada, cheia de altos e baixos; agora está pôsto em sossêgo em uma casinha da Brooklin Paulista (meditando, talvez em nova arrancada por este mundo) e lhe deu na telha escrever sobre as coisas que viveu ou viu. "Revoluções Estéreis" (edição do autor) não é um livro de memórias escrito em ordem cronológica, e embora apareça muita gente conhecida, às vezes designada por um simples nome (João Alberto é João apenas) há pessoas que devem estar com os nomes trocados.

Escrito sem pretensão literária, em linguagem corrente (não digo "familiar" porque de vez em quando aparece uma expressão mais forte) o livro é dêsses que a gente lê de uma assentada, sem nenhum esforço; e o pessimismo indicado pelo título não consegue tirar o bom humor ao capitão. Essas reuniões de raiasanos e militares na Pascoal da Rua do Ouvidor, em 1921, com seus tipos bem marcados (o coronel Marzagão, o dr. Tanajura, etc.) são contadas com certa mistura saborosa de zombaria e de saudade; e também tôdas essas conspirações, aquêle passeio que deveria ser heróico, ao Canto do Rio, às reuniões na casa de um certo general... Há cenas de grande vida, como aquela em que um jornalista leva a uma dessas reuniões conspirativas o senhor Camaquã, o homem que na hora H poderia controlar todo o pessoal dos Correios e Telégrafos.

Ouvimos os boatos do tempo (O Pontoura sabe, o Santa Cruz disse, o marechal Hermes garantiu, o Maurício de Lacerda vai falar, o Macedo Soares escreveu, o Nilo, o Seabra, o Bernarde...) sentimos a ansiedade, os desânimos e decepções, o entusiasmo, vemos a saída dos rapazes do Forte de Copacabana... E de repente o autor está com Estilac Leal lavando carros em uma garagem em Buenos Aires, amando no Paraguai, freqüentando um "bistrô" suspeito em Paris, indeciso entre um emprêgo de vendedor de tapetes e possivelmente cocaína, e a vontade de escrever um "manual do Perfeito Lavador de Carros", que só nos Estados Unidos daria um dinheiro... O seu caso com a Mado, seu encontro no exílio com o então tenente Macedo Soares ("não o conhecia pessoalmente; sempre freqüentamos prisões diferentes) e o oficial Raulino que quer metê-lo em um curso de metalurgia (ele preferiu aprender a trabalhar com um projetor de cinema), o comentário (apenas um "— Ahn...") de Eduardo Gomes quando ele disse que estava trabalhando na Coordenação tudo isso, alegre ou triste, é sempre vivo, e às vezes pitoresco. Ele traz, para quem escrever a história dêsses dias, esta coisa essencial que é o ambiente, o gosto da vida quotidiana, o sentimento de uma época. Para ele, a certa altura (e quando sairemos dessa altura?) as "manchettes" dos jornais do Brasil se reduzem, afinal de contas a duas: "O presidente vai dar o golpe" e "O presidente não vai dar o golpe"...

Direi, meu caro capitão, que li seu livro com todo interesse e carinho, e fico esperando pelos "Apontamentos de um retirante" que v. está ameaçando publicar — livro, segundo sei, que irá aborrecer muita gente importante, principalmente certos generais.

22/4/53

R. B.

433